

BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO LEITÃO
SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

SÉRIE PROTEÇÃO A NATUREZA — Nº 48 — 05/06/1976

A NECESSIDADE DE CRIAÇÃO DE NOVAS ÁREAS PARA PRESERVAÇÃO DE ESPÉCIES RARAS E AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO

Augusto Ruschi
Museu Nacional

Hoje é o dia consagrado mundialmente ao meio ambiente. Estivemos reunidos no Primeiro Simpósio Espiritosantense de Ecologia, juntamente com os Profs. Drs. José Cândido de Mello Carvalho, Carlos T. Rizzini, F. Segadas Viana, José Lutzemberger e outros, organizado pela Sociedade dos Estudantes de Biologia da UFES.

Lamento que ainda os Órgãos Governamentais não estejam sensibilizados para uma política de evolução progressiva em relação a proteção e conservação do meio ambiente, quando somos a Nação que ostenta o mais rico patrimônio florístico e faunístico de nosso Planeta. Nunca se destruiu tanto em nosso país como neste ano. É na Amazônia um projeto Jari e outros; é nos Estados, em sua maioria a corrida desenfreada, propulsão por incentivos de toda ordem para o plantio de Eucalyptus, Pinus, café, soja e capim, sem o menor respeito e obediência a legislação estabelecida pelos Códigos: Florestal, Fauna, Minas e Energia. As florestas virgens são as preferidas para serem derrubadas e em seu lugar são plantados os eucaliptais, pinheiros e pastagens... tudo em nome do progresso.

A conscientização se vai fazendo, especialmente entre a juventude que se expressa com a contínua criação de Associações de defesa, proteção e conservação da natureza, em todos os Estados brasileiros.

Justo é, que nesta data traga ao conhecimento de nossos Governos e instituições como tenho feito junto ao Conselho de Valorização de Parques Nacionais e Reservas Equivalentes, do IBDF, Ministério da Agricultura, da necessidade urgente de dar proteção às espécies endêmicas, raras e já sob ameaça de extinção e que vivem em pequenas áreas florestadas de domínio privado, uma vez que não são encontradas nas áreas constituídas pelos Parques Nacionais, Reservas Biológicas, Reservas Ecológicas e equivalentes, já criadas ou implantadas.

Ha muitos anos venho lutando para que sejam ampliadas o número de áreas para preservação de espécies da fauna e flora do Brasil, uma vez que, os Parques Nacionais, as Reservas Biológicas e ainda as Reservas Ecológicas e mesmo as áreas que constituem os Parques Indígenas, não abrigam em seus habitats, muitas das espécies que estão ameaçadas de extinção.

Apenas para melhor se ter a idéia do erro que isso nos traz, vejamos o que vem ocorrendo no E. E. Santo.

Em 1948, após dez anos de estudos pelo território espiritosantense, com o levantamento da fauna e flora, em todas as bacias hidrográficas do Estado, sugerimos juntamente com o Prof. Dr. Cândido Firmino de Mello Leitão, em audiência especial-mente solicitada ao então Governador do Estado, Dr. Carlos Fernando Monteiro Linden-berg, a criação das Reservas Biológicas de: Itaúnas, Córrego do Veado (Pinheiros), Barra Sêca, Nova Lombardia, Forno Grande, Pedra Azul, Pico da Bandeira, uma vez que já estava implantada a área que constituía o Parque de Refúgio "Sooretama", visitado ainda com essa finalidade nos anos de 1936-1939.

Mesmo após criadas essas áreas, vieram através dos anos, influências diversas, de grupos de pessoas para que não fossem as mesmas áreas demarcadas. Felizmente, consegui oferecer-me ao Governo do E. Santo e foi aceito, para que fizesse a demarca-ção dessas áreas, já decretadas Reservas Florestais de Proteção Integral da fauna e flora. Em seu total, ainda foi sugerido a inclusão de maciço do "Mestre Alves" na Serra e a região Serrana de Afonso Cláudio. Nos anos de 1949 a 1952, pude ao mesmo tempo que me dedicava ao estudo da flora e fauna, com o preparo de material taxid-ermisado e de herbário, para estudo e indispensável para documentação científica às coleções do Museu Nacional da UFRJ e após do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, consegui deixá-las demarcadas, com levantamento expedito, todas elas, e com o levanta-mento topográfico, com respectivas plantas e memoriais, as RESERVAS BIOLÓGICAS de: Itaúnas, Veado (Pinheiros) e Nova Lombardia. Mais tarde, pela década de 50, senti-mos a discrepância e descuido proposital de deixar o Governo do Estado, que fosse invadida e completamente tomada toda a área dos 14.000 hectares da RESERVA DE ITAÚNAS, a única que trazia uma área de Restinga que ia do Rio Itaúnas até ao Riacho Doce, na divisa com o Estado da Bahia. Assim, foi providenciado de imediato uma Reserva que abrangesse área de Restinga, e essa foi então criada, entre Barra do Riacho e Regência, no rio Doce, com limites naturais, estabelecidos, pelos Rios: Com-bólos a oeste, ao norte por Regência, no Rio Doce, ao Sul o rio Barra do Riacho e a Leste o Oceano Atlântico, e foi denominada Reserva Biológica de Combólos, isso em 1952. Juntamente com esse Decreto de criação também ficou a Reserva de Pedra Azul e Forno Grande.

Com todas essas áreas, se estivessem hoje preservadas, teríamos sim, uma per-feita mostragem de todos os Ecossistemas de que está dotado o Estado do Espírito Santo, com todas as espécies Botânicas e Zoológicas preservadas e protegidas, con-forme foi o objetivo quando de sua criação, em acordância com a nossa legislação, Códigos: Florestal, Caça e Pesca, Aguas, etc.

Hoje, em 1973, quando ainda acabamos de descrever várias espécies novas de nossa flora orquidológica, de locais em que as florestas estão sendo destruídas, em terrenos proibidos pelo nosso Código Florestal, pois trata-se de terrenos em região montanhosa, onde o declive é muito superior a 45°. Essas depredações se estão proce-dendo, com a autorização do próprio órgão responsável pela política florestal do país, e responsável inclusive pela preservação das espécies em vias de extinção e de toda a fiscalização, o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), que prefiro denominá-lo Instituto Brasileiro de Destruição Florestal. Para em lugar dessa floresta depredada, onde milhares de espécies botânicas, algumas ainda desconhecidas cientifi-camente, se fizessem plantações de café, financiadas pelo Banco do Brasil, em cum-primento a nova política agrária-cafeeira, e ainda com a aprovação do IBC, ou seja, área proibida, devido a declividade do solo, e ainda, mais, em região onde os nossos estudos agroecológicos relacionados com o café, demonstram um erro. Ao final teremos não só prejuízos financeiros, mas muito mais, a degradação violenta e acelerada dos terrenos. Isso quer dizer, que estamos exportando não café saído dessa área, mas o seu próprio capital; e se não bastasse, tudo que ali vivia. Não é que não deseje que se proceda ao aproveitamento agrícola para essas regiões, mas onde ela pode ser im-plantada, dentro dos requisitos técnicos e ecologicamente certos. Desde 1954 venho publicando listagem de espécies animais e vegetais ameaçadas de extinção, aqui do E. Santo.

Justo se torna acrescentar agora, que as derrubadas de florestas virgens das matas de encostas, dos Municípios serranos de, Domingos Martins, Castelo, Afonso Cláudio, Santa Leopoldina, Santa Teresa, Itaguaçu, Calçado, Alegre e outros, onde se vai buscando as restantes áreas de matas, para substituí-las com cafezais e já se ensaia experimentalmente o plantio de *Pinus ellioti* e *Eucalyptus* ambos, muito prejudiciais para os solos, o primeiro como causador do aumento vertiginoso da acidez do solo, além de não permitir que em seu interior quando formado, como o segundo, venha crescer qualquer vegetação para formação de um piso ou manto protetor do solo. Outros prejuízos ainda mais graves acarretam aos solos dessas áreas assim aproveitadas, mas, a natureza se encarregará de mostrar a realidade, com pragas e enfermidades dessas plantas exóticas, introduzidas dessa forma.

Após a destruição dessas florestas de encostas, os oasis que nos restaram vieram abrigar algumas espécies que antes de serem exterminadas, foram por nós capturadas, é o caso por exemplo das seguintes espécies de beija-flores *Phaethornis margarettae* Ruschi, 1972; *Threnetes grzimcki* Ruschi, 1975; *Phaethornis nigrirostris* Ruschi, 1973 e *Glaucis hirsuta abrawayae* Ruschi, 1973 as duas primeiras da floresta dos Irmãos Klabin, em Conceição da Barra, saídas da área destruída que formava a RESERVA BIOLÓGICA DE ITAUNAS, e as duas últimas, da RESERVA BIOLÓGICA DE NOVA LOMBARDIA, saídas das áreas de florestas que circundavam essa Reserva, para ali se refugiarem, uma vez que a destruição do seu habitat, obrigou-as a procurarem essas áreas restantes.

É mesmo interessante observar que essa adaptação se faz por transposição de uma área para outra contígua, e isso nos causa surpresa, pois que há mais de 40 anos percorria tais áreas e não encontrei tais espécies. Isso me faz notar ainda com os beija-flores uma curiosidade na instalação do Troquilidário do Parque Anhembi, este ano em São Paulo, quando notei que ali no viveiro, pela frequente manutenção da iluminação dentro do viveiro, algumas espécies passaram a visitar as florestas que recebem iluminação de lâmpadas fluorescentes, assim observamos acontecer com: *Phaethornis pretrei*; *Thalurania glaucops* e *Amazilia fimbriata tephrocephala*.

É interessante assinalar essa ocorrência, pois já tinha observado em minha casa, na varanda onde estão suspensas há mais de trinta anos, bebedouros com água e açúcar, que *Aphantochroa cirrhechloris*, aparece nos primeiros momentos quando se inicia o escurecer e as luzes estão acesas, mas, nunca os vi retirar o nectar das flores que estão junto da mesma varanda. Será que com a destruição das florestas, eles poderão visitar os jardins à noite, naturalmente em raras circunstâncias, como posso por exemplo acreditar, quando em estado de subnutrição e que a iluminação artificial lhe possa levar até às flores. Também a mudança brusca do tempo poderá trazê-los a essa situação, quando já estão bem habituados a busca de alimento em frascos dos jardins e residências. Mas é muito mais comum que em tais frascos venham a ter os morcegos, conforme assinalamos aqui em S. Teresa, as espécies: *Micronycteris megalotis megalotis*; *Glossophaga soricina soricina*; *Vampyrops lineatus sacrillus* e *Artibeus jamalcensis planirostris*, esses em número bem avultado.

Realmente, o que se deduz é que necessitamos providenciar o estabelecimento de áreas onde hajam espécies sedentárias e endêmicas, uma vez que não são encontradas em áreas que constituem Parques Nacionais, Reservas Biológicas, Estações Biológicas ou Reservas Ecológicas, isso se espera, principalmente que se dê com espécies raras ou ameaçadas de extinção. É o caso da Fazenda Klabin no E. Santo, onde se acham mais de doze espécies ameaçadas de extinção, só de nossa fauna ornitológica. E também da Reserva Biológica de Combóios, que de quando em vez está sendo invadida por interesse de empresas multinacionais e mesmo se diz até em implantar uma das 8 usinas termo-nucleares que serão vindas da Alemanha. Pobre E. Santo, se receber esse monstro, que arrebatará a vida dos mares e o seu lixo atômico será o benefício que nos trará, para atestar o quanto estaremos pagando por destruir o nosso patri-

mônio natural, do solo e da água. Mas no final seremos as vítimas finais, é o prêmio que mereceremos. Só se tivermos forças para gritar e sensibilizar a população ainda incrédula poderemos vencer.

Não compreendi ainda porque o E. Santo precisa liderar, caminhando na cúpula da destruição do seu patrimônio natural, degradando o meio ambiente, sabendo que tudo isso converge em detrimento do empobrecimento de toda a sua população. Uma usina de energia nuclear, no E. Santo, constituirá muito mais uma ameaça à nossa segurança do que os benefícios que ela poderá oferecer. Os vários tipos de poluição que causará, através da emissão de seus efluentes serão desastrosos para a fauna e flora marinha e as conjecturas desagradáveis em relação ao lixo atômico resultante da combustão do urânio ou tório que vier a utilizar, e que poderá ser alijado onde quer que seja, terá consequências tristes para a população humana. Não desejo abordar os perigos constantes de uma explosão que poderá ocorrer, por algo em seus reatores e então os gases altamente radioativos e mortíferos poderão atingir num raio de até oitenta quilômetros, as populações humanas e de animais, bem como tirar-lhes as vidas. Nos países Europeus, já em alguns, o povo vem sendo convocado em plesbicitos para se manifestar a respeito desses problemas.

Atualmente por exemplo, o IBDF, para que não fique vestígio do crime que ele consente que se pratique, quando proíbe, chegando mesmo a processar, quando alguém retira da floresta que ele autorizou a derrubada, as espécies botânicas que a sua própria legislação e listagem considera rara ou em vias de extinção, isso para que a fogueira que será feita na floresta derrubada, venha incinerar e nunca mais se poderá saber o que ali existiu. Assim, através do convênio IBDF-Museu Mello Leitão, no levantamento atual da fauna do E. Santo, a constatamos que das 750 espécies e subespécies de Aves ainda existentes em 1968, hoje já não mais existem 205, ou seja atualmente foram registradas 545.

Reconheço que a fome de 4,5 bilhões de irmãos, está exigindo a destruição das florestas naturais restantes, e assim vamos aumentando a degradação do meio ambiente, com a poluição do solo, das águas e da atmosfera, em todos os ecossistemas. É preciso lembrar, que a natureza jamais será subjugada pelo homem, ele não pode viver sem ciência e tão pouco sem áreas de natureza primitiva. Façamos algo em seu favor, para o nosso próprio bem e sobrevivência.